

Sintoma e Educação: breves reflexões sobre esta formação de compromisso¹

In: *Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com “isso”?* Marcelo Ricardo Pereira (org.) Belo Horizonte: Scriptum, pp. 226-229, 2017.

Paulo Roberto Ceccarelli²

*A única preparação adequada para a
profissão de educador é uma sólida
formação psicanalítica.*
Freud, 1933

Introdução

Ao nascer, o bebê traz consigo um potencial bio-psíquico que se desenvolverá a partir das relações estabelecidas entre ele e o grupo primário³. Esse grupo informará à criança sobre o sistema simbólico relativo a sociedade à qual ela pertence, o que inclui as referências de gênero que ela, como menina ou menino, deverá submeter-se e inserir seus comportamentos e condutas: a passagem do psicológico para o psicossocial não pode ser feita sem levar em conta a dimensão do grupo primário, “espaço transicional”, limite e borda do sujeito.

Entretanto, posto que ao potencial bio-psíquico de cada recém-nascido varia em função de disposições constitucionais diferentes, "é quase impossível que o mesmo método educativo possa ser uniformemente bom para todas as crianças" (FREUD, 1933, 183).

Esta é a tese de Freud na conferência XXXIV, intitulada *Explicações, aplicações e orientações*. Nesse texto, Freud apresenta um debate importante sobre um tema que ele mesmo admite ter-se ocupado pouco: "as aplicações da psicanálise à educação, à criação da nova geração" (FREUD, 1933, 179).

¹ Este texto faz parte de um projeto de pesquisa que conta com uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (processo nº: 312687/2013-3).

² Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise - Paris VII. Pós-doutor - Paris VII. Professor do Instituto de Psicologia da PUC- MG. Professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA. contato: paulorcbh@mac.com - Homepage: www.ceccarelli.psc.br

³ Chamo de *Grupo Primário* aqueles/as que acolhem a criança quando de sua chegada ao mundo; que recebem a criança no mundo, ou ainda, que cuidam do recém-nascido propiciando-lhe um "berço psíquico". Acredito que tais formulações são mais adequadas para descrever os laços afetivos que sustentam a circulação pulsional do recém-nascido: famílias tradicionais, homoparentalidade, monoparentalidade, famílias reconstruídas, dilatadas e tantos outros arranjos que o significante família condensa.

O interesse de Freud pela teoria e prática da educação é bem anterior ao texto de 1933 (FREUD, 1913, 1914, 1925). No prefácio ao livro de Aichhorn publicado em 1925, *A juventude desorientada*, Freud (1925) fala do crescente emprego da teoria psicanalítica na educação, pois o estudo psicanalítico dos neuróticos demonstra que, neles, a criança de outrora continua a viver de forma quase inalterada. A psicanálise pode, então, ser um poderoso auxiliar da educação sem, no entanto, ter a pretensão de substituí-la: "tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida" (FREUD, 1913, 226). Ainda no texto de 1925, Freud coloca o educar, assim como o curar e o governar, como uma das "três profissões impossíveis" (FREUD, 1925, 341), pois, como já foi dito, as disposições constitucionais diferentes, tornam impossível a aplicação de um mesmo método educativo para todas as crianças.

Como sabemos, o desenvolvimento psicosssexual do sujeito tem sua origem nos primeiros anos de vida (FREUD, 1905). Isto significa que a maneira como o indivíduo vivencia a sua sexualidade - de forma mais ou menos reprimida, com prazer, com culpa, enfim, as singularidades de cada um - é o resultado de um longo processo identificatório orquestrado pela dinâmica edípica que determina as escolhas de objetos, tributárias das vicissitudes pulsionais, isto é, do sexual. As pulsões, conceito limite entre o somático e o psíquico, constituem o motor da vida psíquica, aquilo que anima. No animal humano, os representantes ideativos dão vozes às pulsões transformando o sexual em psico-sexual.

Por outro lado, o Eu em formação, ainda não tem recursos para lidar com certas exigências pulsionais, o que podem produzir um efeito traumático, fazendo com que as "disposições para uma doença ulterior e para distúrbios funcionais" (FREUD, 1933, 180) encontrem aí suas origens.

Uma das maiores dificuldades nos primeiros anos de vida é que a criança deverá assimilar, em pouco tempo, uma evolução cultural que aconteceu ao longo de milhares de anos, para adaptar as demandas pulsionais às exigências culturais (FREUD, 1987). Entretanto, o Eu em constituição pode não conseguir efetuar as modificações psíquicas necessárias (impor limites as demandas pulsionais) para a inserção da criança na cultura. Neste ponto, a educação, no sentido amplo do termo, se apresenta como um recurso para que os limites às satisfações pulsionais sejam assimilados.

Evidentemente, o que chamamos de *educação* não se confunde, em absoluto, com a educação formal. Embora ela a inclua, vai mais muito mais além, e refere-se ao

trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) a ser exercido sobre as demandas pulsionais. A educação é, então, educação dos impulsos (pulsões), pois para que a vida em sociedade seja possível, cada um deve renunciar "a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade" (FREUD, 1908, 192). Graças a esta renúncia, é possível o estabelecimento do estado de cultura e, através do processo de sublimação, a criação de bens materiais e ideais.

O trabalho de cultura exige de todos o abandono de reivindicações individuais para que a vida em comum seja possível. Para se tornar membro da sociedade, com direitos e deveres, a criança deve abandonar as exigências egoístas comuns a toda criança - o que nós adultos conhecemos bem, pois nunca as abandonamos completamente - e aceitar as satisfações substitutivas que a civilização oferece. Entretanto, por melhores que sejam estas satisfações substitutivas, todos experimentamos, em proporções diferentes, a sensação que poderíamos ter mais, que teríamos o direito a ter mais. Cabe, então, à sociedade, à família, à escola, ao governo garantir a cada tenha acesso e continuidade às "satisfações substitutivas" sem o quê a vida sem sociedade tornar-se-ia insuportável.

Para além dos percalços inerentes à constituição do sujeito, os conflitos familiares, escolares e sociais, podem contribuir para aumentar a insatisfação interna. Junta-se a isto, a existência, infelizmente comum em nosso país, de uma "patologia do social", gerada por uma organização político-social perversa que não garante a todos os mesmos direitos, ou sequer os direitos mínimos para uma vida digna.

Sintoma e Educação

O sintoma é uma formação de compromisso (FREUD, 1926), cuja origem é o conflito entre a representação pulsional recalcada e as instâncias psíquicas defensivas. Ampliando esta definição, podemos dizer que cada subjetividade, cada um de nós, é um sintoma, pois nossa subjetividade é uma formação de compromisso entre, de um lado, as pulsões em busca de satisfação e, de outro, os limites impostos pelo processo civilizatório (CECCARELLI, 2013). Somos resultado dos caminhos identificatórios que nos constituíram, e do lugar que ocupamos no desejo de quem nos deu vida psíquica. Cada sujeito é uma "solução" no sentido matemático do termo: tal como em um sistema vetorial de forças, que comporta diferentes variáveis cada uma com um quantum de energia diferente, o sujeito representa a resultante deste sistema, uma solução frente aos conflitos e incompatibilidades entre o constitucional, o adquirido, as experiências

infantis, as demandas pulsionais e os limites a elas impostas, e as comunicações conscientes, mas sobretudo inconscientes, do grupo primeiro no qual a criança se subjetivou. Igualmente, as manifestações da sexualidade de cada sujeito é formação de compromisso frente às múltiplas variáveis com as quais o bebê tem que lidar desde o seu nascimento.

Nesta perspectiva, podemos dizer que a criança é inocente, pois quando ela está na fase típica das "brincadeiras sexuais", é o adulto que, ao surpreendê-la, atribuirá às brincadeiras a conotação sexual do universo adulto. A significação que o adulto dá à sexualidade infantil, em consonância direta com a forma como a sexualidade entrou na vida deste adulto incluindo elementos inconscientes, informará à criança que certas brincadeiras são, ou não, permitidas, outras são proibidas e, em casos extremos, poderão até ser motivo de punições terríveis, senão dos homens, de Deus.

Do ponto de vista da criança em desenvolvimento, a informação que certas partes do corpo são proibidas, ou até geradoras de pecado, se tocadas, não faz sentido. Se, na maioria das vezes, o adulto se encanta ao ver a criança brincando com os pezinhos, com as mãos, balbuciando algo, este mesmo adulto pode ter atitudes repressoras e punitivas, ao ver a criança tocando certas partes de seu corpo as quais, do ponto de vista da criança, é uma parte de seu corpo como outra qualquer. Assimilar que certas partes do corpo, fontes de prazer, recebem um acolhimento tão negativo por parte do adulto, pode ter repercussões graves na construção de sua sexualidade futura. Entretanto, o contrário também pode ocorrer: a excitação sexual prematura, produzida por um apelo sexual à criança em completa contradição com a sua condição infantil pode ter efeitos imprevisíveis (há alguns anos, estava em moda crianças de três, quatro anos dançarem a "dança da garrafa", para o deleite dos pais e da audiência). Sob certos aspectos, tais atitudes podem ser entendidas como expressões de "abuso sexual". Enfim, as reações do adulto frente às manifestações sexuais da criança, não são as mesmas que as da criança.

Reflexões finais

Ao longo da vida, tendemos a repetir nossa "maneira de ser", nossa solução. Isto é, nosso sintoma, pois foi esta a formação de compromisso que construímos para nos movimentarmos na existência:

Um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido - constantemente reimpresso - no decorrer da vida da pessoa, na medida

em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam (FREUD, 133-134).

A escola constitui um local privilegiado no qual tanto a criança, quanto o profissional, repetem, via transferência, esses clichés estereótipos. Ao longo de minha experiência teórico-clínica de vários anos, tendo constantemente sido convidado para participar de discussões, congressos, e dar palestras sobre educação, sexualidade em sala de aula, violência e outras tantas questões atuais nos mais variados locais e Estados do Brasil. Na grande maioria das vezes, o que tenho constatado é que a maior parte das dificuldades advém, justamente, da reatualização de conteúdos inconscientes que o encontro com o outro produz. Tais situações, é importante frisar, ocorrem tanto nas escolas de ensino básico, quanto de nível superior e de pós-graduação.

Em todas as situações que impliquem posicionamentos e decisões, a maneira como o profissional reage está diretamente ligada à sua subjetividade. Não há como escapar disso. Por melhor preparados que estejam, os profissionais não estão inerte ao retorno de moções pulsionais inconscientes que o encontro com o trabalho diário desperta. Por exemplo, para que se possa abordar o tema sexualidade, ou da "educação sexual", o que inclui as manifestações da sexualidade em sala de aula, o profissional tem que estar relativamente confortável com a história de sua própria sexualidade. Mas, a maneira que ele vivencia a sua sexualidade, cabe repetir, é tributária do sistema de valores no qual ele foi inserido. Deste sistema, fazem parte a religião, o lugar dos homens e das mulheres no tecido social, as representações de gênero, as relações de poder, dentre outras. Assim, frente às diversas situações que compõem o cotidiano da educação, o profissional sempre tenderá a reagir baseado em representações inconscientes sobre as quais ele não tem como prever os efeitos, e muito menos os controlar.

É neste sentido que entendemos Freud, quando ele escreve:

Seria melhor que o educador tivesse sido, ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática (Freud, 1933, 183).

Evidentemente, não se pode exigir que todo educador passe por um processo de análise pessoal. Porém, uma "educação psicanaliticamente esclarecida" implicaria em se levar em conta, além do sintoma apresentado pelo aluno, a participação da escola e do

profissional não apenas no entendimento do sintoma, mas, igualmente, na sua criação. Tais posicionamentos nos ajudariam na compreensão dos sintomas na educação, além de nos fornecerem preciosas informações sobre o que fazer com eles.

Há de se levar em conta que os sintomas na educação de hoje guardam estreitas relações com as expectativas sociais, sobretudo as que dizem respeito ao papel da escola no processo educacional. Seria ingênuo acreditar que escola e profissionais não são afetados por esta conjuntura. Na atualidade, a escola é cada vez mais solicitada a ocupar posições que, tradicionalmente, eram prerrogativas dos pais. E, não raro, os mesmos pais que exigem altíssima performance da escola, têm atitudes reacionárias e conservadoras face a posições progressistas da escola.

No cotidiano, exemplos não faltam nos quais a escola é solicitada a manter a crença imaginária segundo a qual o filho é objeto exclusivo de amor dos pais. Nesta violência mortífera, que transforma os filhos em uma imagem idealizada dos pais, os primeiros devem realizar esperanças e elaborar lutos que os pais não foram capazes de fazer. Nesta situação de um narcisismo ilimitado, os limites que, inevitavelmente, são impostos pela escola, podem ter um elevado ônus psíquico, tanto para a escola e para o profissional, quanto para a criança, e serem vivenciados como "atentados ao narcisismo infantil".

Talvez seja na área da sexualidade que o que chamei de *Patologização da Normalidade* (CECCARELLI, 2010) se expresse de forma mais contundente. Sem dúvida, vivemos uma época bem menos hipócrita em relação as manifestações da sexualidade. Ao mesmo tempo, a moral sexual se apresenta cada vez mais nas múltiplas versões do "politicamente correto", transformando atos banais em assédio sexual.

O brincar com uma criança, ou até mesmo fazer um comentário lisonjeiro sobre um(a) adolescente, é facilmente visto como indício de uma pedofilia latente. Muitas vezes, entretanto, os verdadeiros assédios estão nas formas de alertar a criança contra os eventuais ataques de possíveis pedófilos. Prevenir a criança a detectar pedófilos pode, em alguns casos, produzir efeito contrários ao despertar precocemente da sexualidade infantil, o que pode ser tão problemático quando a proibição da sexualidade.

Seja como for, acreditamos os sintomas na educação de hoje, e o que fazer com isso são dois lados de uma mesma moeda. Se não levarmos isso em conta, se não nos comprometermos com a nossa participação nas formações de compromisso geradoras de sintomas, continuaremos a produzir novos sintomas, e nos perguntarmos o que fazer com eles.

Bibliografia

Ceccarelli, Paulo Roberto. **A patologização da normalidade**. In: Estudos de Psicanálise. Aracaju, n. 33, p.125-136, julho. 2010

_____. **Transexualidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

Freud, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1972, VII.

_____. (1912) **A dinâmica da transferência**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1969, XII.

_____. (1913) **O interesse Educacional da Psicanálise**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1974, XIII.

_____. (1914) **Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1974, XIII.

_____. (1921) **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1976, XVIII.

_____. (1925) **Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1976, XIX.

_____. (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade**. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1976, XX.

_____. (1933) **Explicações, aplicações e orientações. Conf. XXXIV**. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Edição Standard brasileira, Imago. Rio de Janeiro: Imago, 1976, XXII.

_____. (1987) **Neurose de transferência: uma síntese**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.